

Educação para doação de órgãos

Education for Organ donation

CRISTIANE TRAIBER¹
MARIA HELENA ITAQUI LOPES²

RESUMO

Objetivos: Apresentar uma revisão sobre fatores associados à educação para doação de órgãos.

Fonte de dados: Foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando os bancos de dados MEDLINE e Lilacs, nos últimos 10 anos (1996-2006).

Síntese dos dados: Existe uma atitude positiva da população mundial acerca da doação de órgãos e transplantes que varia de 52% a 80%. Fatores relacionados a uma atitude positiva incluem: idade (< 50 anos), nível superior de escolaridade, experiência prévia com doação e transplantes, conhecimento do conceito de morte encefálica e ser doador de sangue. A maioria da população recebe informações sobre transplante e doação através da televisão. Informação com base individual (campanhas em escolas, amigos, familiares e profissionais da saúde) promove uma maior modificação de comportamento. Um dos fatores mais importantes para que os familiares decidam a favor da doação de órgãos é o fato de ter discutido previamente com o paciente sobre doação.

Conclusões: Apesar da atitude positiva da população mundial, existe uma grande diferença entre o número de pessoas em lista de transplante e o número de doadores. Campanhas que incentivem as pessoas a manifestar o desejo de ser doador e discutir sua decisão com a família sugerem ser uma estratégia importante para amenizar este problema.

DESCRIPTORIOS: DOAÇÃO DIRIGIDA DE TECIDOS; TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS/educação; EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO; PROMOÇÃO DA SAÚDE.

ABSTRACT

Aims: To conduct a revision about the factors associated with the education of organ donation.

Source of data: Review of MEDLINE and Lilacs data base over the last ten years (1996-2006).

Summary of the findings: There is a positive response from the world population concerning organ donation and transplantation that varies from 52% to 80%. Factors related to a positive attitude toward organ donation include: age (< 50 years old), high level of education, previous experience with donation and transplantation, knowledge of the concept of brain death and blood donor. The majority of people receive information about organ donation through television. Information on individual basis (through campaigns in schools, relatives, friends and health professionals) can promote a greater behaviour alteration. One of the most important factors for the families to be in favour of organ donation is the fact that this was previously discussed with the patient.

Conclusions: Despite favourable attitudes toward donation among world population, there is a considerable difference between the number of people on transplantation list and the number of donors. Campaigns that stimulate people to manifest and discuss such decisions with their families suggest an important strategy to minimize this problem.

KEY WORDS: EDUCATION, ORGAN DONATION, TRANSPLANTATION.

¹ Médica Pediatra. Especialista em Terapia Intensiva Pediátrica. Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Pediatria e Saúde da Criança da Faculdade de Medicina da PUCRS. CV Lattes.

² Professora Adjunta do Departamento de Medicina Interna da Faculdade de Medicina (FAMED) da PUCRS. Especialista em Educação (PUCRS). Doutora em Clínica Médica (PUCRS). Vice-Diretora da FAMED da PUCRS.

INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento tecnológico, o transplante de órgãos deixou de ser uma terapia experimental para se tornar a terapia de escolha para o paciente com falência de órgãos. Mas este tratamento depende da colaboração da sociedade para conseguir ser aplicado e se desenvolver. Há uma clara discrepância entre o número de doadores e a demanda de órgãos. Milhares de pessoas, em todo mundo, estão hoje em listas de transplantes e este número vem aumentando.^{1,2} A opinião pública favorável à doação de órgãos é essencial para solucionar esse problema. A recusa dos familiares é hoje o fator limitante principal dos programas de transplantes de órgãos em vários países do mundo.^{1,3,4}

O objetivo do presente estudo é realizar uma revisão sobre fatores associados à educação para doação de órgãos.

COMO FUNCIONA A DOAÇÃO DE ÓRGÃOS NO BRASIL

Segundo dados do Ministério da Saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS) pagou 10.870 transplantes em 2004: rim (3041), córnea (5419), esclera (55), coração (192), fígado (807), medula óssea (1141), pulmão (40), rim/pâncreas (131), pâncreas (44). Houve apenas 1430 doações de órgãos a partir de doador cadáver neste mesmo ano.³

A lei que dispunha sobre doação de órgãos e tecidos para fins de transplante é a Lei 9.434 de 04 de fevereiro de 1997 e incluía a doação presumida de órgãos e tecidos. Esta lei foi alterada em 2001, sendo substituída a doação presumida pelo consentimento informado do desejo de ser doador. Com a nova lei, o registro de ser ou não doador que constava na carteira de identidade civil ou na carteira nacional de habilitação perdeu a validade.³ Assim a doação de órgãos no Brasil depende hoje, exclusivamente, da autorização da família do doador.

Aceitação da população e fatores associados à doação

Existe uma atitude positiva da população mundial acerca da doação de órgãos e transplantes. Essa aceitação varia, conforme os estudos, de 52% a 80% da população.⁵⁻¹⁴

Estudos baseados em questionários que avaliaram variáveis psicossociais demonstraram que existem alguns fatores relacionados a uma atitude

de positiva em relação à doação de órgãos. A idade aparece como um fator determinante na maioria dos estudos, sendo que pessoas com menos de 50 anos parecem ter atitude mais positiva sobre doação.^{6,7,13-15,18} O gênero aparece como fator de influência em alguns estudos^{8,11,13,15} mas não em outros.^{6,7,16} Escolaridade também é uma variável importante, sendo que pessoas com nível de escolaridade maior parecem ter uma melhor aceitação sobre doação de órgãos.^{6-8,11,13,15-17} Outros fatores relacionados a uma atitude positiva incluem: experiência prévia com doação e transplantes,^{6,17} conhecimento do conceito de morte encefálica,^{6,7,16,17} ser doador de sangue,^{6,14} opinião favorável do companheiro⁶ e envolvimento em atividades sociais.^{6,17} Alguns artigos ainda demonstraram que existem variações na aceitação de doação de órgãos entre praticantes de diferentes religiões.^{7,11,15} Estudo realizado no Vietnã observou que 48% dos budistas e 27% dos católicos não sabiam corretamente a posição da sua religião sobre doação de órgãos.¹¹ Já em Pelotas (RS), estudo descreveu que evangélicos e testemunhas de Jeová eram menos favoráveis a doação de órgãos que outras religiões.⁷

O indivíduo contrário à doação de órgãos aparece em estudos como sendo: homem ou mulher com idade acima de 45 anos, com baixo nível educacional, que não entende ou não conhece o conceito de morte encefálica, que tem preconceito contra a doação de órgãos, que não é favorável à doação de sangue e tem medo da manipulação do corpo (cadáver) após a morte.^{6,17,18} As razões principais para não ser doador foram o desconhecimento de como ser doador e o medo de diagnóstico errado de morte (morte aparente).¹²

Como as pessoas adquirem informação sobre doação de órgãos e transplantes?

A maior parte da população recebe informações sobre transplante de órgãos e doação através dos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornais, revistas), um número menor é influenciado por familiares, amigos, profissionais da saúde e campanhas sobre doação de órgãos.^{5,19} Mais importante que o veículo de informação parece ser a qualidade da mesma. Estudo espanhol observou que apesar da maior parte da informação vir da televisão, esta informação pode ser geral, indefinida, inapropriada e não ser capaz de esclarecer dúvidas e medos comuns, sendo assim incapaz de modificar comportamen-

tos negativos relacionadas à doação de órgãos. Foi observado que informação com base individual (encontros específicos, campanhas em escolas, amigos, familiares e profissionais da saúde) promove uma maior modificação de comportamento.¹⁹ A pessoa bem informada é capaz de promover discussão com amigos e familiares o que é por si só um mecanismo de promoção de doação.^{6,19,20} Pesquisa realizada com pessoas que frequentavam postos de saúde na Espanha, observou que 7% das pessoas receberam informação sobre transplante de profissionais da atenção primária à saúde, o restante, de outros veículos. Analisando as variáveis relacionadas à doação de órgãos foi observado que quando o paciente recebia uma informação negativa sobre transplante de um profissional da saúde era o tipo de informação que tinha o pior impacto sobre a aceitação de doação.²⁰ Por outro lado quando informação positiva sobre transplantes era fornecida por profissionais da saúde havia um claro aumento em relação a atitudes positivas, mais importantes que outras fontes de informação (89% e 65% respectivamente).²⁰

ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PARA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

Educação para profissionais e estudantes da área da saúde

Estudo, realizado em amostra randomizada de trabalhadores de um hospital terciário espanhol com programa de transplante, observou atitudes favoráveis à doação de órgãos em 68% (n = 178) dos entrevistados. Atitudes variaram significativamente conforme a profissão sendo que 94% dos médicos residentes eram favoráveis à doação, 88% dos médicos, 52% dos técnicos de enfermagem e 60% dos profissionais não relacionados à saúde. Houve uma clara influência do conhecimento do conceito correto de morte encefálica nessa decisão, sendo os profissionais não relacionados à saúde e os técnicos de enfermagem as categorias com menor conhecimento do conceito de morte encefálica. Ainda observouse, nesse estudo, uma correlação negativa com doação entre profissionais preocupados com mutilação do corpo pela doação e com a existência de erro médico.²¹ Nota-se que o conhecimento sobre morte encefálica e a aceitação global de doação de órgãos não diferiu dos estudos com a população geral, mesmo sendo um hospital que realizava transplantes. Em um hospital terciário

da Índia, estudo observou em 97% (n = 366) dos profissionais um conhecimento adequado sobre transplante, embora 17,3% tenham respondido que morte cerebral é um processo reversível e 59,4% tivesse conceitos errados sobre a retirada de órgãos de cadáveres.²² Ainda, pesquisa com profissionais da atenção primária observou que apenas 5% destes apresentava informação específica sobre transplante e doação de órgãos.²³

Estudo que avaliou estudantes de medicina canadenses observou que apenas 64% dos estudantes sabiam que um paciente com diagnóstico de morte encefálica estava morto e não em coma. Apenas 50% acreditavam que todas as religiões aceitariam a doação, então muitas famílias nem seriam consultadas.²⁴ Já estudantes de medicina italianos, demonstraram uma atitude fortemente positiva (96%) em relação à doação de órgãos, apesar de não haver diferença sobre esta aceitação no decorrer do curso de medicina.⁴ No Brasil, estudantes de medicina da PUC de São Paulo declaram ser doadores em 76% casos, 1% dos estudantes era contra a doação de órgãos. Ainda 90% dos estudantes autorizariam a retirada de órgãos de membros de sua família, 27% nunca haviam discutido doação de órgãos com seus familiares, 70% conhecia o conceito de morte encefálica, mas apenas 35% realmente apresentavam um bom conhecimento do diagnóstico.²⁵

Os profissionais da saúde têm papel importante na divulgação de informação sobre doação de órgãos, pois têm acesso a grande parte da população e causam impacto maior que outros meios de comunicação nas atitudes em relação à doação de órgãos. Campanhas de esclarecimento deveriam ocorrer dentro das próprias instituições, com a participação de médicos, enfermeiras, técnicos de enfermagem e todos os outros profissionais que trabalham no hospital. O mesmo deveria acontecer em postos de saúde, clínicas e hospitais menores. Essas campanhas deveriam disponibilizar informação clara e específica a respeito dos conceitos básicos de morte encefálica, doação de órgãos, custo de doação, aparência do corpo após a retirada de órgãos, aspectos éticos, experiências da família do doador e do receptor, entre outras orientações pois estas pessoas como são formadoras de opinião influenciam os pacientes e seus familiares.

Obviamente, pelo amplo alcance, os meios de comunicação de massa devem transmitir mensagens positivas e mostrar, por exemplo como funcionam os programas de transplante, quem são

as pessoas na lista de espera, como é a vida de transplantados, tudo isso estimularia a aceitação e a doação de órgãos.

Incentivar a discussão dentro das famílias

Estudos realizados com famílias de doadores de órgãos demonstram que um fator importante para esta decisão foi a discussão prévia sobre doação entre os familiares.^{12-14,16,26-28} Pesquisa realizada em Pelotas (RS), que avaliou uma amostra de 3159 adultos através de questionário, demonstrou que 80,1% autorizariam doação de órgãos de um familiar seu se este houvesse manifestado previamente o desejo de ser doador, por outro lado apenas um terço dos respondedores autorizaria a doação se não houvesse uma discussão prévia com a família.⁷ Um estudo canadense que avaliou através de questionário familiares de pacientes que evoluíram para morte encefálica em nove hospitais observou algumas diferenças entre famílias de doadores e não doadores. Familiares de pacientes jovens, do sexo masculino, com morte associada a trauma apresentavam maior probabilidade de consentir com a doação. O fato da família ter discutido sobre doação com o paciente ou acreditar que o paciente desejaria ser doador mesmo sem ter tido uma discussão explícita sobre o assunto foi fortemente associado ao consentimento para doação de órgãos neste estudo.¹

Inferese que campanhas que incentivem as pessoas a discutir sobre doação de órgãos e transplantes com seus familiares são fundamentais.

CONCLUSÃO

Apesar da atitude positiva da população mundial sobre doação de órgãos, existe uma grande diferença entre o número de pessoas em lista de transplante e o número de doadores. Muitos profissionais da área da saúde não têm conhecimento adequado sobre o tema, e assim deveriam ser incentivadas campanhas para educação destes profissionais. Uma vez que a doação no Brasil depende exclusivamente da vontade da família, campanhas que atuem sobre o esclarecimento da população, sobre o conceito de morte encefálica e especialmente que incentivem as pessoas a manifestar o desejo de ser doador e discutir sua decisão com a família parecem ser uma estratégia importante para amenizar este problema.

REFERÊNCIAS

1. Smirnoff LA, Gordon N, Hewlett J, et al. Factors Influencing families consent for donation of solid organs for transplantation. *JAMA*. 2001;286:71-7.
2. Schulz HD, Gold S, Von Dem Knesebeck M, et al. Willingness to donate organs-strategies to influence attitude. *Psychothr Psychosom Med Psychol*. 2002;52:24-31.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Programas de saúde: doe vida. [capturado 2006 jun 10]. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=410
4. Burra P, De Bona M, Canova D, et al. Changing attitude to organ donation and transplantation in university students during the years of medical school in Italy. *Transplant Proc*. 2005;37:547-50.
5. Evers S, Farewell VT, Halloran PF. Public awareness of organ donation. *CMAJ*. 1988;138:237-9.
6. Conesa C, Rios A, Ramirez P, et al. Multivariate study of the psychosocial factors affecting public attitude towards organ donation. *Nefrologia*. 2005;25:684-97.
7. Barcellos FC, Araujo CL, Costa JD. Organ donation: a population-based study. *Clin Transplant*. 2005;19:33-7.
8. Ashraf O, Ali S, Ali SA, et al. Attitude toward organ donation: a survey in Pakistan. *Artif Organs*. 2005;29:899-905.
9. Sanner MA. Giving and taking-to whom and from whom? People's attitudes toward transplantation of organs and tissue from different sources. *Clin Transpl*. 1998;12:530-7.
10. Gerbino P, Frascotti A. Public opinion and transplantation: results of a survey. *Riv Infirm*. 1995;14:67-70.
11. Schaeffner ES, Windisch W, Freidel K, et al. Knowledge and attitude regarding organ donation among medical students and physicians. *Transplantation*. 2004;77:1714-8.
12. Martinez JM, Martin A, Lopez JS. Spanish public opinion concernig organ donation and transplantation. *Med Clin*. 1995;105:401-6.
13. Keiding S, Jensen SL, Vilstrup H. Attitude of the population to organ transplantation. *Ugeskr Laeger*. 1994;156:2859-72.
14. Li PK, Lin CK, Lam PK, et al. Attitude about organ and tissue donation among the general public and blood donors in Hong Kong. *Prog Transplant*. 2001;11:98-103.
15. Bilgel H, Sadikoglu G, Goktas O, et al. A survey of the public attitudes toward organ donation in a Turkish community and of the changes that have taken place in the last 12 years. *Transpl Int*. 2004;17:126-30.
16. Hausteine SV, Sellers MT. Factors associated with (un)willingness to be an organ donor: importance of public exposure and knowledge. *Clin Transpl*. 2004;18:193-200.
17. DuBois JM, Anderson EE. Attitudes toward death criteria and organ donation among healthcare personnel and the general population. *Prog Transplant*. 2006;16:65-73.
18. Conesa C, Rios A, Ramirez P, et al. Attitudes toward organ donation in rural areas of Southeastern Spain. *Transplant Proc*. 2006;38:866-8.
19. Conesa C, Rios A, Ramirez P, et al. Influence of different sources of information on attitude toward organ donation: a factor analysis. *Transplant Proc*. 2004;36:1245-8.

20. Conesa C, Rios A, Ramirez P, et al. Importância de los profesionales de atención primaria en la educación sanitaria de la donación de organos. *Aten primaria*. 2004;34:528-33.
21. Ríos A, Conesa C, Ramíres P, et al. Attitude toward deceased organ donation and transplantation among the workers in the surgical services in a hospital with transplant program. *Transplant Proc*. 2005;37:3603-8.
22. Singh P, Kumar A, Pandey CM, et al. Level of awareness about transplantation, brain death and cadaveric organ donation in hospital staff in India. *Prog Transplant*. 2002;12:289-92.
23. Coolican MB, Swanson A. Primary health-care physicians: vital roles in organ and tissue donation. *Conn Med*. 1998;62:149-53.
24. Bardel T, Hunter DJW, Kent WDT, et al. Do medical students have the knowledge needed to maximize organ donation rates? *Can J Surg*. 2003;46:453-7.
25. Afonso RC, Buttros DA, Sakabe D, et al. Future doctors and brain death: what is the prognosis? *Transplant Proc*. 2004;36:816-7.
26. Burroughs TE, Hong BA, Kappel DF, et al. The stability of family decision to consent or refuse organ donation: would you do it again? *Psychosom Med*. 1998;60:156-62.
27. Pearson IY, Bazeley P, Spencer-Plane T, et al. A survey of families of brain dead patients: their experiences, attitudes to organ donation and transplantation. *Anaesth Intensive Care*. 1995;23:88-95.
28. DeJong W, Franz HG, Wolfe SM, et al. Requesting organ donation: an interview study of donor and nondonor families. *Am J Crit Care*. 1998;7:13-23.

Endereço para correspondência:

CRISTIANE TRAIKER
Rua Felizardo Furtado, 279/603
CEP 90670-090, Porto Alegre, RS, Brasil
Fone: (51) 3211-5221
E-mail: cristraiber@bol.com.br